

FACULDADE DAS AMÉRICAS

VÂNIA MARIA DE VASCONCELOS FARIAS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DO LENDÁRIO LOCAL COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA APROPRIAÇÃO DA CULTURA: O CASO DE TIANGUÁ-CE.**

FORTALEZA - ANO

VÂNIA MARIA DE VASCONCELOS FARIAS

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DO LENDÁRIO LOCAL COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA APROPRIAÇÃO DA CULTURA: O CASO DE TIANGUÁ-CE.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós- Graduação *Lato Sensu* em Gestão de Instituições Educacionais realizado em parceria com a UNIAMERICAS como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

FORTALEZA – 2018

TERMO DE APROVAÇÃO

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DO LENDÁRIO LOCAL COMO ESTRATÉGIA
PEDAGÓGICA PARA APROPRIAÇÃO DA CULTURA: O CASO DE TIANGUÁ-CE.**

VÂNIA MARIA DE VASCONCELOS FARIAS

Este artigo científico foi aprovado pela Banca Examinadora composta pelos docentes abaixo como requisito parcial para obtenção do título de Pós- Graduação Lato Sensu em Gestão de Instituições Educacionais.

Data da Aprovação: ___ / ___ / ___

Nota Obtida: _____

Professora Jane Cris de Lima Cunha, Dr^a.
(Examinadora)

Professor José William Arruda C. Forte, Me.
(Coordenador)

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA DO LENDÁRIO LOCAL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA PARA APROPRIAÇÃO DA CULTURA: O CASO DE TIANGUÁ-CE.

Vânia Maria de Vasconcelos Farias¹
Naiola de Paiva Miranda²

RESUMO

O presente estudo resgata o reconhecimento e a valorização da cultura da narrativa como instrumento de aquisição de conhecimento no processo de ensino aprendizagem. Foca o interesse nas lendas locais como elemento facilitador na assimilação e/ou apropriação da identidade cultural. Descreve a relação entre a simbologia e formação cultural do município e como os professores têm utilizado esse recurso no processo de ensino-aprendizagem. Objetiva analisar a contribuição da contação de história do lendário local como estratégia pedagógica para apropriação da cultura nos espaços da sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas públicas do Município de Tianguá, Ceará. No estudo fenomenológico, com abordagem qualitativa, pesquisa documental, exploratória e descritiva, os recursos utilizados foram às narrativas das lendas dos livros da Coleção Contos e Lendas das Terras do Barroco. Os dados coletados na pesquisa de campo foram realizados através de observação na sala de aulas em duas escolas públicas nas turmas de 2º e 4º ano do ensino fundamental. A aplicação de entrevista a cinco professores e dez alunos, no período de novembro de 2016 a março de 2017. Contatou-se que os sujeitos após a pesquisa conseguiram ampliar seus conhecimentos sobre a história local ao ponto de reconhecerem e valorizarem o legado cultural de hábitos modernos com o processo de ancestralidade responsáveis pela transmissão dos diversos costumes e hábitos presente nos dias atuais, bem como sobre o entendimento da identidade cultural do lendário local. Fica evidente a contribuição desse recurso como instrumento facilitador na construção de uma aprendizagem significativa, na contribuição do desenvolvimento das atividades de letramento, e como forte apelo para a compreensão do contexto local, em especial sobre o reconhecimento das simbologias e representatividades do lendário, enquanto elemento de conteúdo cultural.

Palavras chave: Contação de história. Lendas. Identidade local. Estratégia pedagógica.

INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais remotos, o homem utiliza a narrativa como “instrumento de comunicação e transmissão de saberes”, evidenciando muitas vezes, “experiências e vivências por meio de atividades lúdicas como a contação de história”. Neste viés, a “oralidade externa ensinamentos, costumes e tradições, repassados de geração para geração através dos tempos”.

¹Mestre em Ciências da Educação pela Universidade de San Lorenzo. Pós-graduada em Gestão e Coordenação Escolar pela Faculdade Vale do Jaguaribe; Especialista em História pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada; Pedagoga pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e Professora de Arte e Cultura e Pesquisadora da Cultura Popular.

²Doutora em Educação Brasileira-Universidade Federal do Ceará- UFC.

Assim, os homens se tornaram “guardiões e herdeiros do legado cultural de seus ancestrais”. (MASSAFEIRA, 2010, p.51).

Entre esses legados, estão os contos e lendas populares, narrativas que abrigam inúmeras informações sobre a “forma de viver, pensar e agir de um povo”, e quando levada ao ambiente escolar pode auxiliar os alunos no entendimento de suas raízes culturais, como assertiva de sua “identidade individual e coletiva e sentimento de pertinência a uma região”. (THOMPSON, 1992, p.45).

Contudo, na atualidade, o tradicional costume de contar história tem sido “enfraquecido e ameaçado pela modernidade e pelos meios de comunicação”, dentre eles o rádio e a televisão, veículos capazes de alienar comunidades inteiras, tendo como principal prejuízo a perda de seus valores e identidade local. (PONTES, 2011, p.09).

Nesse contexto, é notória a importância da oralidade como fator de manutenção e construção da história local, pois esses relatos trazem em suas essências, as experiências do homem para o homem, ampliando as possibilidades de entendimento da evolução humana e a compreensão das diferentes formas de vida no passado e no presente.

É nessa linha de raciocínio que se argumenta a prática da contação de história no contexto escolar, como estratégia pedagógica, capaz de enriquecer as aulas e promover a efetivação de uma aprendizagem significativa, pela força do lúdico, por entrelaçar ficção e realidade, suscitar o desenvolvimento do imaginário e a percepção de mundo, desenvolvendo o pensamento e a capacidade de assimilar as tessituras da história local, contribuindo, sobremaneira para a socialização e fortalecimento da tolerância e dos aspectos, social, afetivo e intelectual das crianças.

Como literatura e “patrimônio abstrato, imaterial, se manifesta de forma oral ou escrita”, numa representatividade do folclore popular de cada espaço social. Sua utilização “traz à tona, tempos passados”, expondo vivências, histórias, lendas, brinquedos e brincadeiras, construídas no passado do cotidiano local numa abordagem dos elementos da herança cultural da família, da escola e da comunidade. (PONTES, 2011, p.21).

O presente estudo revela a preocupação com o reduzido nível de aquisição de conteúdos sobre a historiografia local por parte da comunidade acadêmica. Norteado por esse entendimento, a temática se debruça sobre essa lacuna, uma vez, que o estudo sistemático da história se limita ao conteúdo do currículo nacional comum que traz quase sempre conteúdos globalizados, deixando prejuízos no que diz respeito ao conhecimento da identidade cultural da comunidade em que a escola está inserida, principalmente no tocante ao passado histórico, costumes, tradições e expressões da cultura popular. Situação que suprime as crianças de uma

apropriação adequada de toda a riqueza simbólica, presente nas festas, danças, músicas, lendas, entre outros saberes e fazeres da população residente no espaço geográfico da escola.

Neste entendimento, é imprescindível, o estudo do local como base para uma aprendizagem significativa, pois, os conteúdos de história e da cultura popular tem se limitado aos fornecidos pelo currículo nacional comum, deixando lacunas no que diz respeito ao conhecimento cultural da comunidade em que a escola está inserida.

A delimitação do tema busca entender a importância da utilização das lendas locais em forma de contação de histórias no âmbito de duas escolas localizadas na zona urbana e zona rural do município de Tianguá, e como estas, estão sendo trabalhadas, enquanto recurso pedagógico. Focando o interesse nos aspectos metodológico e educacional desenvolvidos nesta atividade, e se esse recurso tem contribuído ou não para a compreensão e apropriação dos aspectos históricos locais e regionais.

METODOLOGIA

Baseada em estudo fenomenológico com abordagem qualitativa e empregado o método de pesquisa documental, exploratória e descritiva. O enfoque fenomenológico qualitativo “dá ênfase às características: sociais, antropológicas, arqueológicas, culturais e históricas”. A investigação incorpora a participação dos próprios sujeitos investigados. Analisa-se a percepção que os mesmos têm da realidade em relação às próprias vivências. Neste tipo de pesquisa, “interessa conhecer como as pessoas pensam, sentem e agem; suas experiências, suas atitudes e crenças. (ALVARENGA, 2014, p.10).

A pesquisa descreve atitudes e ações dos sujeitos envolvidos por meio de observação e entrevistas informais. O universo é o contexto pedagógico de duas escolas de ensino fundamental da rede municipal, uma localizada na zona urbana e outra na zona rural, no município de Tianguá-Ceará. A população é composta por alunos do 2º e 4º ano, com idade entre 08 a 10 anos. A investigação foi realizada durante 05 meses com visitas agendadas no período de novembro de 2016 a março de 2017.

As intervenções pedagógicas foram baseadas na exploração da oralidade, narrativas, cultura popular, folclore, contos e lendas, contidas em livros, artigos, trabalhos acadêmicos e outros documentos audiovisuais e iconográficos como vídeos, desenhos e fotografias. A atividade lúdica de contação de história de narrativas folclóricas, por meio de observação das experiências vivenciadas por professores e alunos das escolas pesquisadas em relação à utilização do lendário por meio dos livros da Coleção Contos e Lendas de autoria de Vânia

Maria Nogueira de Vasconcelos, composta de 12 títulos a seguir: A Lenda da Tanajura, Zé Bilim, Chaga da Onça, Cabelão de Ferro, Amortalhado, Visão da Meia Noite, A Pedra da Maria Bela, Negro da Mucutuba, A Santificação de Francisca Carla, A Menina que virou Cobra, A Velha Acorcorada e Cabra Cabriola. Desenvolvidos no Projeto Lamparina das Artes (VASCONCELOS, 2016).

A partir da observação foi possível descrever as atitudes e ações dos sujeitos envolvidos por meio de recursos de observação das aulas com atividades de narrativas orais das lendas, dos registros audiovisuais, das respostas das entrevistas e dos depoimentos através de análise e descrição dos resultados que interpretou a realidade do fenômeno estudado.

NARRATIVAS E O CONTEXTO LOCAL

A Chapada da Ibiapaba localiza-se no extremo oeste do Ceará, “estende-se de norte a sul por 212 km de extensão com mais ou menos 60 km de largura, indo de Viçosa do Ceará, até às ribeiras do rio Poti”. Esse trecho é conhecido, como “Ibiapaba-Ybyã-paba, que na língua tupi significa: Terra Talhada, Escarpado ou Alcantilado”. (GASPAR, 2012, p. 20).

No período pré-colombiano “era habitada por índios tabajaras que se dividiam em cerca de 70 aldeias, as quais foram subjugadas por franceses (1590) e posteriormente por portugueses (1604)”. Em 1607 os jesuítas Francisco Pinto e Luís Figueira, estiveram na região difundindo o catolicismo e em 1660 o célebre padre Antônio Vieira veio pessoalmente visitá-la. “A região é considerada, portanto, o berço da história do Ceará”. (GASPAR, 2012, p. 20).

Compondo o território, encontra-se o município de Tianguá, cuja história reporta à expulsão dos franceses e holandeses da Serra da Ibiapaba, em 1650, ocasião da “aliança dos índios com o português Francisco Batista Leal para expulsar os invasores e proteger as terras de Mocoçal”. O antigo distrito de Vila Real Viçosa, passou a “chamar-se Chapadinha, depois Barroco”, sendo “elevada à categoria de vila em 1938, passando a denominar-se Tianguá”. (GASPAR, 2012, p. 20).

O processo de construção cultural é “resultado da ação colonizadora e recebeu influência indígena, negra e europeia (Portugueses, Franceses e Holandeses)”, repassado de geração para geração costumes e tradições que chegaram aos dias atuais. Gaspar (2011, p. 19). A cultura popular é um elemento pulsante nas veias artísticas dos residentes, e se revela a partir do potencial vocacional, com registros de manifestações em espaços urbanos e rurais, assim a população traduz e se apodera desses bens enquanto identidade local.

Assim a cultura popular no município tem uma vasta abrangência, “é como um pingo d’água escorrido do telhado e caído no chão seco, floresce, no meio do povo...”. As vivências relatam e revelam as matrizes africanas, europeias e principalmente indígenas. Assim, “do costume de banhar nos rios e cachoeiras, dormir em rede e fazer promessas aos santos populares”. A tradição expressa-se nos pelos dramas, reisados, folia de reis até à degustação da iguaria tanajura, retratando um cenário multicultural com base nas heranças dos nossos antepassados. (CARVALHO, 2015, p.3).

O autor revela o legado cultural que resulta numa cultura diversificada e multifacetada, manifestada pelas mais diversas expressões, onde a simbologia de elementos abstratos e concretos dão significâncias aos costumes e tradições do povo e reflete o cotidiano das comunidades locais.

Portanto, é oportuno dizer, que afora sua importância histórica no contexto regional, o município possui uma história rica de fatos e acontecimentos que ajudam no estudo sobre a formação do povo cearense, em sua diversidade e profunda identidade. Parte desse legado está nas dezenas de lendas e mitos, tais como: As aventuras do Negro da Mucutuba, o sofrimento de Francisca Carla, as estórias do Chagas da Onça, a lenda da Tanajura, o mito da criação da Ibiapaba dentre outros, fazem parte desse mundo fabuloso que povoa o imaginário local, e que só sobrevivem graças à manifestação de poucos, através da oralidade.

A salvaguarda desse legado foi garantida por meio da publicação dos livros da coleção Contos e Lendas das Terras do Barroão, composta de 12 títulos com textos ilustrados retratando o imaginário local, no gênero literatura infantil. Os textos registram uma porção significativa do universo lendário do município, colocando-o ao alcance da comunidade estudantil.

Constata-se que na atualidade, os livros são amplamente utilizados como paradigmático nas atividades lúdicas de leitura, escrita e oralidade no espaço de sala de aula de várias escolas locais. As atividades buscam aproximar os alunos de conteúdos com representação da cultura e da história local. A ação educativa tenciona apropriar os alunos de suas raízes, uma vez que os livros trazem em seus conteúdos, elementos dos costumes e tradições que traduzem os saberes e fazeres do conhecimento empírico e do legado cultural do espaço local. Os livros da Coleção, fomentam as referências culturais do município e favorecem a construção de uma visão crítica e reflexiva dos alunos sobre o crescente processo de aculturação pelo qual passa a maioria das comunidades.

RESULTADOS

A pesquisa foi realizada nas salas de 2º e 4º ano, do ensino fundamental de duas escolas da rede municipal de ensino do município de Tianguá, uma da zona rural e outra da zona urbana.

Na escolha das escolas buscou-se as que utilizava a metodologia da contação de história como estratégia pedagógica. Para tanto, procurou-se a equipe de coordenação pedagógica da Secretaria de Educação do município para indicação de algumas escolas que se encaixavam nos critérios da pesquisa. Duas escolas foram elencadas, três na zona rural e duas na zona urbana, por aplicarem a estratégia de contação de história, além de que traziam registro de várias manifestações dos alunos a respeito da existência de lendas local no entorno das escolas.

É importante revelar que a escolha das unidades não buscou unicamente uma representatividade das demais escolas do município; ao contrário, priorizou-se a área e o universo que melhor respondesse as indagações da investigação. As nomenclaturas originais foram substituídas por pseudônimos, a fim de que as identidades, fossem mantidas no anonimato.

Denominadas, ao longo dessa escrita como Escola A na zona urbana e Escola B na zona rural, e nesta mesma linha, as informações de relatos pessoais, trazem pseudônimos para identificar os sujeitos da pesquisa, no caso: professores e alunos entrevistado. Os dados coletados a partir da observação descrevem as múltiplas interações dos sujeitos e procura entender o processo de articulação entre o local e o global, bem como comprovar, a possível relação que o ensino estabelece com os conteúdos locais.

Escola A

Pertencente a rede municipal de ensino, localizada na zona urbana, em uma área periférica que registra casos de vulnerabilidade social, sem outras unidades escolares por perto, atendendo uma demanda de 396 alunos, distribuídos em três turnos, nas modalidades de ensino: Educação infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos. Com um quadro docente de 22 professores. (CENSO, 2016).

Por estar localizada em um bairro muito pobre, as crianças e os adolescentes ficam vulneráveis, pois há registro de delinquência juvenil, uso de drogas e gravidez na adolescência, abuso de álcool e desemprego, em quase todas as famílias da comunidade. A maioria das famílias são beneficiários do Programa Bolsa Família. (CENSO, 2016).

O prédio é pequeno e observou-se a falta de uma quadra coberta para desenvolver atividades lúdicas, também não existe auditório, onde se possa realizar esse tipo de atividade. O recreio acontece no corredor, entre as salas, causando desconforto, em razão das crianças precisarem lanchar e brincar alternadamente. Este é o momento mais tumultuado no cotidiano escolar, e os professores se revezam na vigília das crianças, situação que prejudica o horário de descanso dos mesmos. (Censo 2016).

As datas comemorativas, reuniões e palestras são momentos da família na escola, onde pais e filhos podem se beneficiar com atividades e serviços sociais como: cortes de cabelo, manicure, medição da pressão arterial, exame de diabetes entre outros. Essas ações têm estreitado os laços família/escola e a parceria resulta em benefícios a ambas as partes. Mais essas ações precisam ser revistas, pois não tem alcançado o verdadeiro sentido da parceria.

A escola desenvolve diversos projetos de leitura e escrita com objetivo de reforço da aprendizagem. Todos os projetos contam com a parceria da secretaria de educação e cultura e funcionários da escola. Contudo fica uma lacuna, pois a escola precisa formar cidadãos conhecedores da realidade do município. Nas atividades lúdicas, a escola disponibiliza alguns brinquedos pedagógicos, mas em pouca quantidade e poucos adequados, principalmente para as atividades de contação de histórias. Os poucos livros existentes, ficam expostos em um varal chamado de cantinho da leitura, com dois livros de lendas do município. (Lenda da tanajura e Chaga da Onça/Negro da Mucutuba). Em relação, as atividades com narrativas, os métodos utilizados são os tradicionais, onde o professor se coloca como contador e os alunos ouvintes.

Escola B

Situada na zona rural, pertence ao Sistema Municipal de Educação. Oferta as modalidades de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, composta por 187 alunos, assistidos por um quadro docente composto de quinze professores. Funcionando como escola de tempo integral, com jornada escolar de até sete horas diárias e ininterruptas em todo o ano letivo. O aluno permanece na escola no turno e contra turno escola, recebendo atendimento educacional convencional e outros suportes de acompanhamento pedagógico, cultural, arte educação e esportivas.

A escola foi construída em terreno solto, não existem prédios vizinhos, rodeada por campo de terra e vegetações nativa, perto da estrada que dá acesso a outras comunidades rurais. O prédio da escola apresenta algumas limitações e inadequações, não possui quadra

coberta, utilizando-se o espaço do refeitório para as atividades lúdicas. Possui uma pequena brinquedoteca/biblioteca, com um pequeno acervo de livros no gênero infantil. Espaço utilizados pelas crianças e único acesso aos livros de estórias, contos e lendas, já que somente os livros didáticos são levados para casa.

As salas de aula são padronizadas, decoradas e organizadas para atender as necessidades pedagógicas de cada turma, com carteiras são confortáveis, dispostas em forma de U, para melhor visibilidade e para facilitar a interação entre as crianças e professores. As paredes funcionam como verdadeiros murais e são bastante utilizadas para exposição de trabalhos e outros recursos didáticos. A tranquilidade do ambiente rural é logo percebida, transmitindo uma sensação de tranquilidade, silêncio e paz, condições favoráveis a aprendizagem

Adota a pedagogia de projetos, para fins de letramento e disponibiliza atividades de reforço escolar e alimentar, além de atividades de arte cultura e esportiva. Dentro de alguns projetos são desenvolvidos trabalho com a Coleção Contos e Lendas das Terras do Barroão. (SEDUC, 2016, p.04).

A comunidade é povoada de lendas, contadas normalmente como aparição regulares, entre as mais frequentes estão as figuras do Amortalhado, do Assoviador e do Negro da Mucutuba. Sendo comum ouvir entre os residentes, relatos de pessoas que se depararam com alguma “assombração”. As conversas e boatos fazem parte das conversas nas rodas de calçadas, e inúmeras bodegas locais. Situação que fortalece ainda mais o uso da contação de história na escola, por representar um elemento que atrai e fascina as crianças.

O fato de conhecerem as histórias pela própria comunidade representa um domínio sobre as histórias. Nessas atividades é comum o desenvolvimento de atividades orais em forma de relatos de acontecimentos em torno das figuras mitológicas e produções escritas de textos e desenhos. Outras produções surgem e enriquece ainda mais as aulas, como adaptações de danças, peças de teatro e músicas em forma de parodias, poesias e outros trabalhos em outros trabalhos adaptados com texto e ilustrações fazendo uma releitura dos textos.

Exposto os contextos das duas escolas (A e B), o trabalho precisa dar conta das percepções dos sujeitos da pesquisa, para que seu entendimento seja amplo e consiga alcançar sua finalidade que é responder as indagações e inquietações investigativas. Para tanto, percorre-se abaixo o roteiro das entrevistas e as observações que trazem as discussões.

DISCUSSÕES

A concepção dos Professores

A pesquisa demonstrou na concepção dos professores, quando indagados sobre: A escola oferece atividades orais, como contação de história, com que frequência e qual o objetivo? As respostas apontaram sobre a autonomia de cada professor nas seguintes falas:

“Como professora do 2º ano, acho o lúdico, muito importante. Para mim”, “o objetivo da contação de história é trabalhar a literatura infantil.”. (PA2).

“Acho a contação de história um recurso excelente para trabalhar as lendas. As crianças são muito receptivas a esse tipo de aula. Realizo pelo menos uma vez por semana, sempre nas sextas feiras”. (PB1).

Para os professores, a oralidade como elemento essencial da atividade de contação de história, auxilia na compreensão da língua, traz uma estreita ligação com os processos de leitura e escrita. Ajuda no desenvolvimento da oratória. Neste enfoque, reconhecem o potencial do trabalho com a literatura e a utilização da contação de história como estratégia pedagógica no processo de ensino-aprendizagem é um “recurso pedagógico que inova a práxis” e “aproxima os alunos pelo prazer de aprender e se divertir num único momento de ensino aprendizagem”. (PA1).

Como professora do 2º ano, acho muito importante a literatura infantil, por isso acredito no poder da contação de história. “Ajuda no desenvolvimento da criatividade e da imaginação, e nas atividades de leitura e escrita. As crianças adoram conhecer as histórias, as ilustrações”. (PB1).

A pesquisa evidencia que tanto as observações em sala como as respostas das entrevistas, expõem a situação fragilizada da comunidade acadêmica, no tocante ao reduzido nível de conhecimento sobre o contexto cultural da comunidade. Com incipiente conhecimento sobre a história política e social, sobre as expressões culturais, em plena manifestação nos dias atuais, a exemplo dos mitos e lendas, ora registrados em forma de livros paradidáticos e amplamente disponibilizados as escolas locais, em caráter de doação.

As respostas apontam uma unanimidade nas afirmativas. “Nunca recebi informações relevantes sobre o processo de formação da história ou da cultura local”. Outra reforça: “Nem durante a vida escolar, no ensino básico/médio, tampouco no curso de formação de magistério”. (PA1). Desabafam ainda de forma informal, que o pouco conteúdo que

acumularam foram resultantes de processos de vivências ou adquiridos por meio de informações desconexas, em algumas ocasiões em que involuntariamente, alguém abordou dado, fato ou acontecimento do município revelando tessituras da história ou cultura local.

O principiante conhecimento de parte dos professores resulta na impossibilidade de levá-los para a sala de aula como compartilhamento de conhecimentos junto aos alunos, e conseqüentemente, restringem-se ao conteúdo do currículo nacional comum, privando aos alunos sobre uma compreensão mais holística do contexto local, em especial sobre os hábitos, costumes e tradições e sua relação com o processo de ancestralidade. Isso, porque, alguns se apressaram em afirmar que não se trata de negar às crianças o contato com a história, mas de fazê-lo de forma fragmentada.

O que mais causa estranheza é que as manifestações culturais são bem expressivas e estão sempre se apresentando em eventos, feiras e projetos. Neste ponto os professores conhecem os grupos, mas não os reconhecem como depositários dos saberes e fazeres, os percebem apenas como uma ação isolada, uma forma de lazer sem nenhuma ligação com o processo cultural, e esse mesmo entendimento recai sobre as lendas e outras expressões populares.

Na fala da PB1 “a cultura é muito importante, mas nunca tinha imaginado sua ligação com o processo histórico, com a formação social”. Fica claro, que apesar do acesso é necessária a intervenção, o olhar pedagógico, o olhar crítico, reflexivo. Neste ponto, a escola e o sistema educativo local não pode ficar apático ao processo cultural, tão crucial para o entendimento do lugar, do indivíduo e da sociedade.

Segundo os professores, os momentos da pesquisa produziram efeitos milagrosos, pois possibilitou o despertar do interesse e mostrou, quão simples é esse entendimento.

“É humilhante, e ao mesmo tempo decepcionante, perceber que na condição de educadores, estávamos totalmente alheios a esse processo de transmissão de repasse, tão à vista e ao mesmo tempo, tão distante da percepção”. (PB2).

Todos defendem a importância da utilização das lendas como conteúdos e da necessidade de iniciar o diálogo entre a escola e os produtores da cultura local para que aos poucos todo o véu da história seja desvendado. “Acho que as lendas são os únicos conteúdos que temos para trabalhar os aspectos culturais do município”. (PA1). “Tenho aproveitado os livros e conseguido bons resultados”. (PB2).

A maioria enfatizou que o nível de entendimento das crianças sobre a relação do passado e presente enquanto herança de hábito, antes da pesquisa era praticamente nulo, os alunos tinham o mesmo nível de conhecimento dos professores, viam, ouviam e praticavam

hábitos e costumes, mas não os associavam aos seus antepassados. “Todos esses entendimentos, eram despercebidos antes da intervenção da pesquisa e somente a formação desse novo olhar é que permitiu a maturação das “práxis” em relação a esse conteúdo específico”. (P B3). “Fica quase impossível o estudo sistematizado do espaço e da história local”. (P B3). “É o que desperta para esse recurso, tão nosso e tão valioso, pois o aluno jamais compreenderá a história geral sem a apropriação da local.” (PA4).

A intervenção da pesquisa, provocou mudanças significativas de posturas em relação ao conhecimento cultural, principalmente no tocante a práxis. A revelação de que os processos históricos do município não chegavam à sala de aula, provocou reflexão na prática de muitos professores. Os resultados das análises apontaram que houve uma modificação em algumas práticas. Todos reconhecem a importância do ensino da cultura local. As afirmativas enfatizam a necessidade de aproximação da escola com os saberes populares; reconhecem a importância do empírico, para o fazer pedagógico e a valorização da vida cotidiana como processo de construção e evolução histórica.

A concepção dos Alunos

As entrevistas com os alunos trouxeram muitas informações e mostraram a falta de acesso a história local, nas séries iniciais do ensino fundamental, suas considerações possibilitaram traçar um perfil dos alunos em relação ao conhecimento da história e cultura do município, antes, durante e após a intervenção da pesquisa.

Quando indagado sobre a história e a cultura do município, poucos sabem da história oficial, as falas reconhecem apenas que no passado os índios eram os habitantes da Ibiapaba. Contudo, desconhecem a história das tribos e o processo de colonização, muito embora tenham tido acesso a essas informações na escola. O que se presume é que não houve a efetivação ou maturação da aprendizagem. Em relação a cultura, a maioria demonstrou conhecimento sobre alguns aspectos da cultura, como o costume de comer tanajura, a figura do Sr. Chaga da Onça e do Negro da Mucutuba. Outros mencionaram os reisados, os dramas e a paixão de Cristo. Assim a disseminação da cultura acontece, mesmo que de forma acanhada.

“Sei pouca coisa da cidade, sei dos índios, mas a história toda, eu não, sei”. (B1).

“Aqui a gente aprende muita coisa do Ceará, do Brasil, da cidade é pouco. Mas estudamos as lendas”. (A2).

“A história, sei das lendas, histórias daqui, não”. (B1).

A segunda indagação buscou sondar sobre os conhecimentos das crianças em relação as lendas locais. Neste ponto, as entrevistas revelaram que essas estão presente em quase todas as escolas, através dos Livros da Coleção Contos e Lendas das Terras do Barroço. Além de serem usados por projetos escolares, muitos professores utilizam os livros nas aulas de português. As crianças da zona urbana, afirmam que conhecem a Lenda da Tanajura, do Negro da Mucutuba, Amortalhado e do Chaga da Onça, essas segundo as crianças são as mais exploradas. Algumas crianças afirmaram que conhecem a coleção toda, pelo acesso na escola, na biblioteca ou por terem uma coleção em casa. Para as crianças da zona rural, além das lendas dos livros, outras foram mencionadas como a Lenda do Assoviador e da Chorona. Essas demonstram que além de conhecerem os textos dos livros, sabem de outras versões das lendas.

“Aqui na comunidade, as pessoas contam a história diferente”, desabafa. (B1).

As lendas, conhecia, porque elas vivem aqui. (B2).

Conhecia, mas não era história contada na escola e nem nos livros. Sabia do Chaga da Onça, da Tanajura, mas pensava que não era lenda, história, assim. (B3).

“Antes dos livros eu não conhecia nenhum, assim contada e escrita num livro, não. Agora conheço quase todas”. (A1).

“Conheço todas, minha mãe é professora e ganhou uma coleção”. (A2).

Quando indagados sobre a herança de alguns hábitos dos pais e avós, as maiores reconhecem que hábito tem a ver com costume, e que suas ações são imitações das ações do pais. Mas, não atribuem esse processo como uma construção cultural, nem tampouco associam o costume de comer tapioca, beiju ou dormir em rede aos índios....

“Eu sei que tenho esses costumes, mas não sabia que tinha herdado dos índios, pensei que fosse porque meu pai e minha mãe me ensinou”. (A1).

“Todo mundo aprende a fazer o que os pais fazem, por isso, vivo do jeito deles”. (A2).

As crianças da escola A, demonstraram total distanciamento em relação ao entendimento da ancestralidade e dos processos de herança cultural, na comunidade é muito forte as manifestações de raízes afro, como a capoeira, contudo, entendida como cultura urbana, totalmente distante da compreensão sobre sua importância cultural. As crianças não expressam nenhum conhecimento sobre o legado deixado e suas influências étnicas. Sabem sobre os índios e portugueses, mas desconhecem a presença dos franceses e holandeses, de

forma que abordagem dada sobre as lendas trouxeram uma nova luz sobre o entendimento das tessituras da história.

As crianças da escola B, vivenciam e até participam de várias manifestações da cultura popular, a comunidade registra a expressão da Dança de Gonçalo, dos Dramas e de um grupo de Reisado, também é bastante rica de relatos de contos e lendas, inclusive com aparições frequentes de algumas figuras mitológicas. É comum ouvir nas rodas de conversas, relatos sobre a experiência de algum morado com esses seres sobrenaturais, os que mais se manifestam são: O Negro da Mucutuba, O Amortalhado e o Assobiador. Mestra Expedita, afirma ouvir sempre o famoso assovio nas madrugadas frias da comunidade

“Aqui na comunidade, as pessoas contam a história diferente”, desabafa. (B1). A forma de falar mostra empolgação e um certa intimidade com as narrativas, como se fosse algo seu, um bem próprio da comunidade. Fica claro que comunidade e escola têm interesse em conhecer os elementos da cultura local e até revelam um certo orgulho da sua história.

Falta, contudo, pesquisas e produções literárias destinados ao conhecimento e estudo de temas locais. Segundo alguns alunos, a autora dos livros também é professora do ensino fundamental, mas a coleção não é disponibilizada pela escola. Situação que dificulta o acesso aos residentes da comunidade de conhecerem esse legado.

As crianças da escola A, demonstraram total distanciado em relação ao entendimento da ancestralidade e dos processos de herança cultural, na comunidade é muito forte as manifestações de raízes afro, como a capoeira, contudo, entendida como cultura urbana, totalmente distante da compreensão sobre sua importância cultural.

O que se percebe é que a história ainda não se perdeu, o que falta é o olhar pedagógico e a formação de educadores com embasamento e metodologias eficientes para o repasse de todo esse conteúdo. Mas, de forma filosófica, histórica, crítica, reflexiva que busque o encaixe de cada elemento ou manifestação como saberes e fazeres culturais ricos de simbologias com representativa da formação histórica local.

Os resultados sobre o questionamento das lendas, as opiniões dos alunos foram divergentes, na escola A; a maioria não acredita na veracidade das narrativas; ” São apenas histórias de “trancoso”, comenta o B1. “São inventadas” reforça B2, “Até as histórias do Chaga da Onça são mentira”, afirma B3, e assim os comentários vão fortalecendo o caráter imaginário dos contos e lendas.

Para os alunos da escola B, a realidade se traduz de outra forma, as crianças acreditam na veracidade das lendas, foram enfáticas em afirmar que algum conhecido já viu e/ou encontrou com esses seres que povoam as lendas locais. Gostam de todas as histórias e alguns

acreditam que muitas outras lendas existam e ainda não foram exploradas. Contudo, são enfáticos em identificar como mais importantes, justamente as lendas mais expressivas no espaço local, como “A Lenda do Negro da Mucutuba, do Assoviador e do Amortalhado, além de mencionarem a Menina que virou cobra”.

Neste ponto, a investigação mostra claramente que o processo de apropriação é um apelo forte na questão do atrativo. A maioria das crianças da escola A, da zona urbana, elegeram, “A lenda do Chaga da Onça”, como a mais engraçada, outros disseram gostar da “Lenda do Amortalhado e Negro da Mucutuba”, pelo caráter sobrenatural. Mais a maioria concorda que a lenda da tanajura é muito importante, porque mostra a “cultura do município”. Percebe-se aqui que apenas a tanajura é entendida como elemento cultural.

Para as crianças o que mais chama a atenção e intriga a todos é a capacidade dessas histórias resistirem ao tempo, permanecer na memória por tanto tempo. O lado irreal, do desconhecido e do sobrenatural, foi bastante comentado. Todos os entrevistados têm curiosidade por saber a origem das lendas, de onde vieram seus personagens, como surgiram e por ainda estão se manifestando.

É nesse ponto, que a intervenção se mostra válida, importante, porque toca no ponto em que a contação de história das lendas locais, provoca uma reflexão sobre as práticas de ensino, nas lacunas de ensino dos conteúdos próprio do local em que a escola está inserida. E principalmente sobre a necessidade de adoção de metodologias capazes de explorar as tessituras da história, esmiuçando seus vários aspectos. Por serem representações simbólicas, as lendas ajudam na aprendizagem, e para os entrevistados as histórias trouxeram muitas informações e possibilitaram um olhar mais amplo nas questões culturais do município.

As respostas evidenciam a contribuição das lendas no desenvolvimento da imaginação, da criatividade e criar diversas imagens mentais. As crianças afirmaram que as lendas locais instigaram na classe, a vontade de conhecer melhor o município, seus moradores e histórias. Reconhecem que através do lúdico a aprendizagem é bem mais leve, pois além de aprendizagem representa o brincar de faz-de-conta.

Segundo as falas, para as crianças a intervenção foi válida, como podemos ver na transcrição de algumas: “Eu aprendi que o índio é muito inteligente e sabia de muitas coisas, adoro as coisas que eles deixaram prá gente”. Comenta a aluna A1. “Para mim, a história nem existia, não sabia que a Ibiapaba foi visitada pelo português, a Europa é tão longe”; comenta a aluna B1. “Gosto muito de capoeira, mas, não sabia que era uma luta para os negros se defender” (Aluna B2). “Fico feliz porque minha mãe aprendeu tanta comida gostosa, dos índios, dos negros, os europeus”. (Aluna A3).

Muitas outras falas foram registradas durante os momentos de observação e durante as entrevistas, confirmando a contribuição do recurso, uma vez, que a maioria das crianças apresentam em tão pouco tempo uma compreensão, mesmo que breve e imatura de vários elementos da história local.

Portanto, a utilização das lendas em forma de contação de história possibilita o ensino do local e representa uma estratégia pedagógica importante no espaço da escola para o ensino em Tianguá. Primeiro pelo poder da oralidade e das lendas como resgate da memória. Segundo como prática inovadora para os professores do local. Terceiro pela necessidade de se construir o olhar educativo que a literatura representa hoje para o mundo contemporâneo, seja qual for a sua forma de expressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade da pesquisa foi analisar a contribuição da contação de história de lendas locais como estratégia pedagógica de apropriação da cultura do município e como pode contribuir no processo de ensino aprendizagem significativa no sentido de favorecer o reconhecimento e valorização da herança cultural do espaço em que o aluno vive.

O estudo demonstrou que antes da pesquisa, os conteúdos locais não eram contemplados em nenhum momento da ação educativa e que as lendas eram utilizadas como metodologia lúdica, tinha valor de uso igual aos contos clássicos. Situação que fortalecia o reduzido conhecimento da história local por parte de professores e alunos, pois os elementos da simbologia local eram totalmente suprimidos.

Com a intervenção, os professores começaram a explorar o lado pedagógico das mesmas utilizando-as no desenvolvimento de atividades de letramento e como conteúdo de apropriação da história e cultura local.

Percebeu-se ainda que os alunos não atribuíam nenhuma relação entre os costumes atuais com hábitos passados. As comunidades escolares de ambas as escolas adotavam uma cultura do “presentismo”, estavam preocupados em acompanhar os modismos apresentados pelos meios de comunicação modernos, internet, rádio e televisão e se mostravam apáticos aos conteúdos locais, não reconheciam e nem valorizavam a história e a cultura do município.

A pesquisa se mostrou eficiente, pois gradativamente, professores e alunos começaram a compreender a importância da sua cultura, da sua história e da sua identidade.

Os resultados apontam que os sujeitos da pesquisa, “no caso, os alunos das duas escolas”, não tinham acesso a títulos literários, além dos recebidos na escola. Dessa forma,

não apresenta o hábito da leitura, e alguns conheciam algumas histórias através dos relatos de terceiros e já conheciam a narrativa de algumas lendas, para eles tendidas como “histórias de trancoso”, relatos de aparições em comunidades rurais. Em relação aos professores, fica claro a insipiência dos professores sobre o processo de formação cultural e sobre a historiografia do município.

Ficou visível o interesse das crianças pela história e conteúdos culturais sobre o município, nas atitudes participativas, pois, revelam que possuem conhecimentos prévios das lendas e dos livros da coleção. Mostram ainda que já conseguem relacionar elementos simbólicos das narrativas com hábitos, costumes, tradições, figuras populares e manifestação da identidade do município e assim seus relatos acabam por confirmar ainda mais a proposta da presente pesquisa.

Mensura o reconhecimento da riqueza simbólica das lendas e a capacidade das mesmas em apropriar os alunos das raízes culturais, além de incentivar a leitura e a valorização do livro e ajudar nos processos de letramento, mostra ainda a socialização como resultante da atividade, as histórias em mudar o ambiente e o olhar das crianças, surgem sentimento de solidariedade e de amizade entre os pares. Na escola, os conflitos foram debatidos e trabalhados e após a intervenção, os casos de indisciplina em sala diminuíram.

Nota-se também, que professores e alunos, sujeitos da pesquisa passaram a dar mais importância a história local, percebendo as lendas como elemento simbólico do imaginário, pontuando as transformações, suas contribuições e permanências no cotidiano atual a partir das percepções e construção de conhecimentos elaborados pela intervenção da pesquisa.

Conclui-se que a atividade contribui na apropriação da história local e resulta em importante recurso de estratégia pedagógica voltado a aquisição de conhecimentos significativos para a construção da identidade cultural do município.

Os resultados constataram a importância das lendas, em forma de contação de história no espaço escolar, como conteúdo didático, instrumento de aquisição de conhecimento, de apropriação da cultura, história e identidade local, bem como sua contribuição no desenvolvimento das habilidades leitoras por meio da produção de atividades culturais envolvendo leitura, escrita e oralidade.

Entretanto, apesar do aparente êxito sobre a confirmação dessa prática pedagógica, ao efetivar a estratégia na esfera das escolas do município, vale ressaltar o enfrentamento de problemas de ordem didática-pedagógica. Uma das questões que precisa ser levada em conta, é o incipiente conhecimento da história local por parte do professor para adotar na sua prática

pedagógica. Contudo, a investigação pode ser um dos caminhos a ser percorrido por parte dos docentes para conhecerem melhor o contexto do município.

Afirmar-se, portanto, a eficácia das lendas, em forma de contação de história no espaço escolar, como conteúdo didático voltado a compreensão da identificação da comunidade, pelo sentimento de pertença pouco a pouco apresentado. Conclui-se que os objetivos foram alcançados e a experiência resultou em ação exitosa, favorecendo a todos os sujeitos envolvidos, bem como a comunidade escolar de ambas, as escolas.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, E. M., (2014), Metodologia da Investigação – quantitativa e qualitativa - Normas Técnicas de Apresentação de Trabalhos Científicos. 2ª ed. Disenos, Assunção – Paraguai.

CARVALHO. A. P. (2015), Retalhos de memórias – Cultura Popular, Textos soltos, Tianguá.

CENSO ESCOLAR, (2016), Escola de Ensino Infantil e Fundamental Dom Timóteo, Tianguá/Ceará, 2016.

CENSO ESCOLAR, (2016), Centro de Educação Básica Benjamim Damasceno de Vasconcelos, Tianguá/Ceará.

GASPAR, J. B. (2011), “Tianguá: Reminiscências da História – Memórias dos Soldados da Borracha, Tianguá.

_____, J. B. (2012), Lendas, contos e mitos da Ibiapaba. Tianguá.

MASSAFEIRA; (2010), 30 Anos de som, imagem e movimento/gente, COSTA, J. E. S., (Organizador e coordenador) – Fortaleza; Edições Musicais.

PONTES, M. A., (2011), O Drama em Si; Historias e memórias de mulheres dramistas nas Comunidade de Tucuns, Pindoguaba e Poço de Areia em Tianguá-Ceará. Fortaleza-Secult.

SEDUC, (2016), Programa de Alfabetização na Idade Certa. (2016), Apoio à Gestão Municipal; Disponível em: www.paic.seduc.ce.gov.br/eixo_literatura: Acesso em 12 de agosto de 2016.Ceará.

THOMPSON, P., (1992), A voz do passado – História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (p.45-p.105).

VASCONCELOS, V.M. Nogueira de. (2011), Coleção Contos e Lendas das Terras do Barroço, Expressão Gráfica, Tianguá-ce, 2011.